



XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Currículo: tempos, espaços e contextos

29 e 30 de outubro de 2013



HISTÓRIAS INFANTIS: uma possibilidade de alfabetizar letrando

Setembro/2013

Eixo temático: Pensamento Paulo Freire
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RASOPPI, Mônica Alves Feliciano
mrasoppi@yahoo.com.br
Comunicação Oral. Texto completo.

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar o uso dos Contos de Fadas por professores alfabetizadores como estratégia para a solução de problemas das dificuldades de aprendizagem dos educandos dos primeiros anos do Ensino Fundamental numa Escola Municipal da cidade de Guarulhos. Objetiva-se à reflexão das principais dificuldades de aprendizagem em alfabetização e os benefícios que a utilização deste gênero de Literatura Infantil, como prática cotidiana em sala de aula (atividades permanentes) proporciona.

Palavras-chave: Alfabetização. Histórias Infantis. Paulo Freire.



INTRODUÇÃO

Trabalhei durante mais de vinte anos como professora alfabetizadora e, atualmente, como Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de São Paulo, com especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar, continuo me deparando com os mesmos problemas em relação à alfabetização dos alunos nas séries iniciais, a evasão dos mesmos e o uso inadequado de estratégias de superação destas dificuldades.

Como professora convidada da Universidade Nove de Julho, UNINOVE, na área da Psicopedagogia e outras disciplinas ligadas à Educação, também encontro alunos sedentos na resolução destes mesmos problemas ligados à alfabetização, enfocando, cada um deles, de acordo com sua área, estratégias nem sempre pertinentes, que poderiam ser, não substituídas, mas interligadas a outras relativas a prática do desenvolvimento de verdadeiros leitores, através da Literatura Infantil, muitas vezes relegada a segundo plano no cotidiano da sala de aula.

A superação destas dificuldades, seguida da formação de bons leitores é um desafio que muitos profissionais enfrentam, ou mesmo ignoram, pois acabam por se satisfazerem apenas com a preparação de um aluno como decodificador de palavras, passando longe de despertar o gosto do mesmo por leituras, desconhecendo a importância da Literatura no processo de alfabetização.

Acompanhando e formando professores alfabetizadores como Coordenadora Pedagógica, venho percebendo o desenvolvimento de seus alunos de acordo com as estratégias utilizadas por estes profissionais: aqueles que se utilizam de livros infantis, os mais variados, como os de Contos de Fadas, Poemas e outros gêneros, vêm alcançando maior sucesso na formação de alunos leitores, que, à princípio, apresentavam dificuldades na alfabetização.

Estes professores ultrapassam o âmbito da Sala de Leitura e adotam atividades permanentes, sequenciais e projetos que envolvem a Literatura Infantil das mais diversas formas.

Por estas afirmações, pretende-se pesquisar o trabalho com Contos de Fadas em salas de alfabetização como uma alternativa para a superação das dificuldades em leitura e escrita e a formação de verdadeiros leitores, evidenciando uma possibilidade



metodológica à aprendizagem, propulsora de avanços significativos na inteligência e personalidade das crianças.

OBJETO DE PESQUISA

Nesta pesquisa, pretende-se evidenciar as principais dificuldades de aprendizagem que os educandos das séries iniciais do Ensino Fundamental I da Rede Pública Municipal de Guarulhos enfrentam na alfabetização e a contribuição dos Contos de Fadas na superação destas dificuldades, numa trajetória que contribua na formação de verdadeiros leitores críticos, superando o fracasso escolar nesta etapa de escolarização.

JUSTIFICATIVA

O aprendizado da leitura e da escrita é uma das habilidades básicas para o sucesso escolar. Porém, continua sendo um dos grandes desafios encontrados pelos educadores.

Existe uma tendência muito forte, nesta área, de se colocar no próprio aprendiz ou em sua situação familiar ou social, as causas de tal fracasso ou limitação. Em outras palavras, quem não aprende ler e escrever tem problemas.

Diversas são as causas que interferem na alfabetização e todas devem ser consideradas. Se não compreendermos os problemas não encontraremos solução para os mesmos.

Neste sentido devemos considerar razões centradas na própria criança, como fatores orgânicos dentre os quais imaturidade neurológica, síndromes e lesões, os chamados distúrbios de aprendizagem, que, com certeza, ocasionam altos riscos de problemas de aprendizagem.

Outras causas podem ser externas às crianças, como: fatores ambientais, falta de oportunidade para aprender, condições familiares precárias ou mesmo a metodologia utilizada pelo educador, o que chamamos de dificuldades de aprendizagem.



Estas dificuldades encontradas, quando decorrentes de propostas de ensino que não fazem uma boa parceria com o perfil e necessidade da criança, fazem com que a mesma corra o risco de ficar em um segundo plano em relação aos outros alunos.

Mas esta criança pode e tem o direito de ser atendida em suas necessidades. A delimitação precisa de suas dificuldades, o entendimento de seus pontos fortes e fracos e o planejamento de recursos pedagógicos de qualidade e eficácia são condições para que possamos promover um melhor desenvolvimento e aprendizagem para ela.

Em relação aos recursos pedagógicos, esta pesquisa irá procurar evidenciar a importância da Literatura Infantil, especificamente o gênero Contos de Fadas, como estratégia de aprendizagem e superação dessas dificuldades em alfabetização.

A ideia de que a Literatura Infantil só tem valor quando possui explicitamente um cunho pedagógico é antiga e, com o avanço de pesquisas na área, ela não pode ser mais relegada ao segundo plano, como vem sendo até então. É preciso atribuir-lhe seu verdadeiro valor.

Segundo Amarilha (2001) a literatura é usada na sala de aula especialmente como um instrumento de controle sobre as crianças. Isso acontece porque uma história é sempre bem recebida por elas e diante do “caos” instalado na sala, muitos professores anunciam uma história, fazendo com que o silêncio volte a reinar.

Essas situações são improvisadas, sem outras intenções do professor em relação à literatura, ignorando o que o aluno irá entender sobre o texto trabalhado, gerando, segundo Amarilha (2001) a “Síndrome de Sherazade”, uma função utilitarista atribuída à Literatura Infantil.

Os Contos de Fadas, como sabemos, levam à criança (como nenhum outro tipo de Literatura) à descoberta de sua individualidade, de seu inconsciente.

Muitos adultos não passaram por essa experiência de aprender através dos Contos de Fadas, incluindo grande parte dos educadores, tornando a mesma sem significado para eles.

Tendo como um dos objetos de estudo desta pesquisa a problemática da aprendizagem e todos os processos envolvidos nesta questão, não se pode ignorar o que esta acontecendo entre a mesma e os desejos inconscientes do educando.



Por isso, incorporar na prática pedagógica este gênero literário pode tornar as estratégias mais criativas e incisivas quanto ao resgate das dificuldades de aprendizagem.

As metáforas, a linguagem do simbólico, a interpretação e a leitura que se faz desses conteúdos contribui tanto para o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita como para a elaboração do uso de estratégias interventivas nesse processo, já que o conceito de aprendizagem remete-nos a uma visão de homem como sujeito ativo num processo de interação constante interferindo nesse processo, as condições biológicas, afetivo-emocionais e intelectuais.

Os Contos de Fadas, enquanto divertem a criança favorecem o desenvolvimento de sua personalidade e sua capacidade de fantasia infantil, o que há de mais real dentro dela. Ela se identifica com personagens e o “final feliz” faz com que ela melhore sua auto-estima, pois percebe que o mesmo também passou por dificuldades e conseguiu superá-las.

Mas é importante ressaltar que nenhum Conto de Fadas fará isso sozinho: é necessária a intervenção do professor, em parceria com os pais e outros profissionais da escola, mostrando a ela, criança, que todos confiam em sua capacidade e habilidades.

No início da escolarização, a criança que está entrando na fase de latência, sua energia que estava centrada no aspecto sexual, e nas questões edípicas, agora se volta para a escola, para questões que envolvem a aprendizagem. Assim, o objeto de desejo é substituído pela busca do conhecimento.

A criança entra na fase que chamamos de latência utilizando o mecanismo de sublimação, e a aprendizagem escolar pode vir a ser muito gratificante por ser compreendida por ela como forma de brincar e de reparar objetos internos.

Assim, a aprendizagem acontece quando sublimamos, ou seja, transferimos um objeto de desejo para outro, no caso, o conhecimento.

Todos os acontecimentos da vida de um sujeito influenciam-no direta ou indiretamente o que se estende à dinâmica escolar, na relação do sujeito com o conhecimento e tudo o que daí advém.

As crianças, nas conversas após os Contos, conseguem identificar seus problemas nos personagens, isto porque é muito mais simples entender e aceitar problemas alheios.



Desde que estimulada e respeitada, a criança falará de sentimentos e dificuldades que são suas, projetando-as no personagem em questão.

Portanto, além da questão pedagógica da importância de se trabalhar com diferentes gêneros textuais na alfabetização, o Conto de Fadas pode ser um aliado do educador, fazendo com que o mesmo conheça a criança com a qual trabalha.

Além disso, na fase da alfabetização e mesmo na que a antecede, a criança encontra-se no auge dos conflitos edípicos e os Contos podem auxiliá-la na elaboração desses conflitos, que podem gerar dificuldades de aprendizagem se não forem bem trabalhados, sendo que, nessa faixa etária, mais especificamente, dificuldades em alfabetização, prejudicando também o desenvolvimento do gosto pela leitura.

O propósito desta pesquisa, que abordará de modo aplicado e prático, questões conceituais, de avaliação, diagnóstico das dificuldades de aprendizagem na alfabetização e propostas de intervenção através da Literatura Infantil, especificamente os Contos de Fadas, é o de que se possa melhorar nossa condição, enquanto profissionais da educação e do desenvolvimento, de darmos encaminhamentos mais apropriados a estes tipos de problemas e despertar o leitor crítico que existe em cada um de nossos educandos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Pedagogia Libertadora, formulada por Paulo Freire, nos anos 50 e 60, surgiu enraizada no contexto sócio-econômico do Brasil à época. O autor, também influenciado por uma situação pessoal de pobreza, refletiu sobre os rumos da educação num ambiente de exclusão social, autoritarismo político e gritante desigualdade.

Freire percebeu que a mera alfabetização era insuficiente para promover a emancipação das massas não letradas. Entendeu que a educação deveria servir como instrumento de mudança da sociedade. Para isso, o ensino deveria desenvolver a consciência crítica, para possibilitar ao aluno uma atuação consequente, como cidadão, em busca da transformação social.

Neste sentido, é necessário repensar que um novo método não resolve os problemas da alfabetização. É preciso analisar as práticas de introdução da língua



escrita, tratando de ver os pressupostos subjacentes a elas, e até que ponto funciona como filtros de transformação seletiva e deformante de qualquer prática inovadora. Procurar sempre uma forma de oferecer à criança a base da sustentação da alfabetização: a leitura, para que haja uma alfabetização concreta e significativa para o aluno.

A busca de novas estratégias que atinjam, principalmente, as crianças das classes menos favorecidas, vai de concepções ingênuas sobre o processo de alfabetização às concepções centradas no indivíduo enquanto ser social.

Emília Ferreiro também afirma que um novo método não resolve problemas. O sujeito da aprendizagem assimila, cria, constrói e suas construções cognitivas têm um extraordinário potencial pedagógico.

Ler, escrever, libertar é o *slogan* desta pesquisa. É o indicativo de uma posição insatisfeita com o ensino do tipo “Eva viu a uva”, voltado para a codificação e decodificação mecânica dos signos linguísticos. Para além do conhecimento técnico da leitura, escrita, pretende-se que o educando promova uma análise crítica da realidade que o circunda e determina a sua vida, de modo a instrumentá-lo para superar as limitações do ambiente, a alienação e a baixa auto-estima, causadas pela exclusão social.

O trabalho com os Contos de Fadas no processo de alfabetização possibilita ao educando o contato com a língua escrita, além de encantar, por lidar com o imaginário, porque revela sentimentos e valores de uma época, podendo fazê-los sonhar ou refletir sobre a vida e o mundo (Zilberman,2003), e identificando suas problemáticas e dificuldades com os personagens, que, no final, conseguem superar as mesmas, processo este que influencia na recuperação do aluno que apresenta dificuldades na alfabetização.

Esta prática, que prioriza o respeito ao educando e a dialogicidade tem como um dos seus suportes a metodologia baseada na proposta construtivista supondo, ao menos, uma cumplicidade visceral entre o construtivismo e a pedagogia libertadora.

A direção mais indicada para objetivar o tema é tomar a palavra de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, mais diretamente ligadas à psicogenética da língua escrita. Convém, ainda, observar se no próprio pensamento de Piaget não se verificam confluências com Freire e vice-versa.

Na visão de Ana Teberoski (2003, p. 82), o construtivismo refere-se a duas dimensões particulares, que o caracterizam como modelo: “(a) os seres humanos são agentes de sua própria compreensão; b) os conhecimentos são produtos construídos em contextos sociais determinados”. A primeira das afirmações se sustenta numa das descobertas centrais de Jean Piaget: a **equilibração**.

Para fazer face a qualquer perturbação do conhecimento que estabeleça a necessidade de reequilíbrio, ou seja, que produza uma necessidade para o organismo, o ser humano aciona dois mecanismos para agir.

A **assimilação** é o processo pelo qual se incorpora um elemento exterior a um esquema sensorio motor ou conceitual do sujeito. A **acomodação** é a modificação do esquema assimilador, que se diferencia em função do objeto a ser assimilado.

Os dois movimentos são complementares e solidários constituindo, numa totalidade, o que Piaget chamou de **adaptação**.

Grosso modo, ante uma necessidade (motivação), o organismo busca assimilar dados que dêem conta do problema e, ante a resistência do objeto, se necessário, adaptar-se-á ao objeto-problema promovendo modificações em si mesmo (nos esquemas de assimilação), a fim de restabelecer o equilíbrio do organismo. Assim, o homem é produto do meio e o meio é produto do homem, simultaneamente.

A **adaptação** tem sua gênese na estrutura hereditária do sistema neurológico e um desenvolvimento dinâmico composto por assimilações e acomodações, num processo de maturação que forma uma inteligência cada vez mais móvel, mais estável (estruturalmente), e mais complexa. Este processo é permanente tendo início com os primeiros movimentos do bebê e acompanha o ser humano por toda a vida.

Para o professor Fernando Becker, “uma estrutura tem gênese, isto é, ela é construída num legítimo processo histórico”. E acrescenta:

o sujeito epistêmico é constituído num processo radicalmente histórico, tendo como ponto de partida a organização biológica dada na bagagem hereditária. O sujeito é sujeito na medida em que é sujeito histórico. (BECKER, 1993, p. 17).



A constituição do sujeito histórico guarda relação direta com a cultura em que cada indivíduo se insere. Com efeito, a organização biológica da pessoa vai sendo definida pelas ações próprias do mundo social em que vive.

Emília Ferreiro, educadora argentina a quem se atribui a criação do termo construtivismo, tem importância capital para esta pesquisa, por ser a formuladora da teoria psicogenética da língua escrita, que repousa sobre os postulados da epistemologia piagetiana.

Conforme Gadotti (2004),

(...) a teoria de Emília Ferreiro nasce no bojo da América Latina, onde a evasão e a retenção escolares progredem de forma alarmante. Como uma importante saída para essa problemática, repensa o processo de aquisição da escrita e da leitura. A autora pesquisou a psicogênese da língua escrita, verificando que as atividades de interpretação e de produção da escrita começam antes da escolarização, e que a aprendizagem dessa escrita se insere em um sistema de concepções, elaborado pelo próprio educando, cujo aprendizado não pode ser reduzido a um conjunto de técnicas perceptivo-motoras. (GADOTTI, 2004, p.224-225).

Não sendo o escopo deste trabalho a análise da teorização de Emília Ferreiro, cabe, no entanto, observar, além da contribuição técnica e metodológica de inestimável valor para o trabalho de alfabetização, os pontos de contato com a Pedagogia Libertadora, observáveis em toda obra da pesquisadora argentina, ex-discípula de Piaget no Centro de Epistemologia Genética de Genebra.

Ela partiu, também, para o enfrentamento da evasão escolar em toda a América Latina, detectando no fenômeno traços visíveis de exclusão social, posto que o fracasso escolar das crianças acompanha as curvas estatísticas da miséria, do desemprego e da pauperização das massas populares.

Ao aplicar os postulados construtivistas em experimentos efetivos, verificou que há antagonia entre a proposta que parte da aprendizagem anterior do aprendiz, vê o professor como coordenador do ensino e a educação como processo de humanização, e a escola tradicional autoritária, conteudista, despreparada, e nitidamente direcionada para achar o fracasso da aprendizagem apenas no aluno, sem consideração sobre suas condições concretas de vida e de aprendizagem.



A congruência com as propostas da educação libertadora explicar-se-ia pelo lado didático-pedagógico de modo fácil e direto. Mas vale transcrever um fragmento do pensamento da pesquisadora em que é evidente a preocupação política que tem marcado todo o seu trabalho:

A democracia, esta forma de governo na qual todos apostamos, demanda, requer, exige indivíduos alfabetizados. O exercício pleno da democracia é incompatível com o analfabetismo dos cidadãos. A democracia plena é impossível sem níveis de alfabetização acima do mínimo da soletração e da assinatura. Não é possível continuar apostando na democracia sem realizar os esforços necessários para aumentar o número de leitores (leitores plenos, não decifradores). (FERREIRO, 2002, p. 18).

Além do que foi apresentado até o momento, esta pesquisa pretende amarrar os problemas estruturais da alfabetização com a questão das dificuldades de aprendizagem: discutir sobre a atuação dos educadores nos problemas de leitura e escrita é defrontar-se com a realidade de que muitas crianças com queixa de problemas de aprendizagem podem ter suas origens nas falhas do processo de alfabetização. Distinguir e intervir sobre estas dificuldades, utilizando-se de estratégias como o uso dos Contos de Fadas é uma saída. Deve ser o educador o primeiro a buscar na leitura os caminhos para a solução de muitos problemas existentes na escola.

A alfabetização pode ser bloqueada por conflitos internos da criança relacionados com a não elaboração da situação Edípica. Isso porque algumas habilidades importantes para a leitura e a escrita estão relacionadas aos seus desejos edípicos, que ela quer sufocar, não sabendo como lidar com eles. Assim, se fecha para as novas aprendizagens, o que também a tornaria mais forte, despertando o medo de ser igual ou superior ao pai (no caso dos meninos), ou à mãe (no caso das meninas). Por isso a maturação escolar se dá com uma maturação neurofuncional, própria dos anos iniciais do ensino Fundamental e com a resolução do complexo de Édipo.

Pode-se dizer que a linha diretriz desta pesquisa está teoricamente estruturada de modo a alfabetizar, através da resolução de dificuldades dos educandos e com a preocupação da formação de bons e verdadeiros leitores, para libertar. Libertar da ignorância, libertar da limitação operacional para a inteligência e libertar das condições



de vida opressoras e excludentes, utilizando-se de métodos prazerosos e que respeitam a bagagem cultural do educando.

A pesquisa configura-se como um estudo de caso do tipo etnográfico e de natureza qualitativa, dado que está sendo realizada, na Secretaria Municipal de Educação em Guarulhos e numa escola municipal de ensino fundamental: a observação participante; - entrevistas com membros da Secretaria Municipal de Educação, com educadores, educandos; análise de documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação e da escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2001.

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as Fadas? Literatura Infantil e Prática Pedagógica**. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BECKER, Fernando. **Da ação à operação: o caminho da aprendizagem em Piaget e Paulo Freire**. Porto Alegre: Palmarina, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever**. São Paulo: Cortez: 2002.

_____ ; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2003.



PUC-SP

XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Currículo: tempos, espaços e contextos

29 e 30 de outubro de 2013



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.